

CARTA A VOCÊS LEITORAS E LEITORES
“FEMINISMO NEGRO? LÁ VEM MAIS MIMIMI”

Ramon Luis Almeida dos Santos¹

Barreiras, 18 de outubro de 2020

O que é o feminismo? Para mim significava que as mulheres estavam buscando ter os mesmos direitos que os homens somente no que diz respeito a uma carreira profissional e social como: salários iguais quando ambos exercem a mesma função, poder sair de casa para trabalhar e estudar, entre outros direitos básicos.

Todavia eu tinha um certo medo do feminismo porque algumas feministas tinham um posicionamento que para mim, mais parecia uma busca pelo extermínio do homem. Veja bem, eu cresci em um ambiente em que não havia diálogo sobre essa temática então, não tive referências e nem discussão sobre o assunto.

Hoje eu percebo o quanto minha amada vó foi uma vítima desse sistema. Casou-se com um homem que não a permitia sair de casa nem sequer para estudar. Enquanto eu estava sendo alfabetizado tentei ensiná-la a ler e escrever, mas ela tinha muitos bloqueios e pouco incentivo, fato que tornou o processo mais complicado de maneira que eu não recordo se ela conseguiu aprender sequer o próprio nome antes de morrer. Ela foi adotada por uma família branca que a tratava como uma empregada doméstica pois era ela a única responsável pelos serviços de casa. Casou-se com meu avô, creio que esperando ter mais liberdade, mas não foi bem isso que aconteceu.

Cheguei até a imaginar um mundo dominado pelas mulheres no qual nós homens só seríamos usados para reprodução quando elas quisessem ter descendentes. Quando não precisassem da gente, ficaríamos afastados; toda essa bobagem me causava repulsa. Tudo mudou quando comecei a conviver uma com amiga feminista, que me apresentou outra perspectiva, em que as mulheres buscam ser elas mesmas e não as dominadoras dos homens.

A partir do convívio com ela eu me senti motivado a buscar mais exemplos de mulheres referência e descobri figuras como Frida Kahlo, artista e representação feminina que

¹ Estudante de Engenharia de Alimentos no IFBA - Barreiras. E-mail: ramoncherokee@gmail.com.

não viveu um relacionamento aos moldes da sociedade patriarcal. Comecei a ler a história da Simone de Beauvoir e me encantei por ela. Aprendi que o feminismo não é apenas garantir que as mulheres tenham direito sobre seus próprios corpos e direitos sexuais, mas é antes de tudo: liberdade. Liberdade de ser e de não querer ser o que quer que seja oferecido como opção. Até aqui achei que já entendia o movimento, mas eu estava enganado.

Soube por uma colega de faculdade que o coletivo *GEGEF (Grupo de Estudos de Gênero numa Perspectiva Feminista)* do IFBA iniciaria um grupo de discussão sobre feminismo. De cara me interessei, o foco era “feminismo interseccional” e eu não fazia a mínima ideia do que isso significava, mas como era sobre feminismo, eu me inscrevi.

No primeiro encontro uma das fundadoras do grupo, a Shirley Pimentel, com quem trabalho no projeto do NEABI (Núcleo de Estudos Afro-brasileiro e Indígena) disse algo como “Optamos pelo nome interseccional, pois ficamos com receio de que se colocássemos ‘feminismo negro’ algumas pessoas não viriam”. Ela estava completamente certa. Pelo menos em relação a mim, pois mesmo sendo negro eu era muito ignorante sobre o racismo. Cresci em uma cidade onde o racismo é pouco discutido. Eu era do tipo de pessoa que fazia piadas de cunho racista e achava super normal. Meus amigos todos faziam essas piadas e em casa nunca tive debates sobre o assunto. Todas as vezes em que eu me reconhecia como vítima de uma sociedade racista o meu pai me repreendia e dizia que não tinha nada a ver e não me deixava refletir sobre essas ideias. Acredito que a forma dele agir me tornou mais forte, porém, camuflava a realidade.

Com isso, reconheço que se o nome do grupo de estudos fosse “Feminismo Negro” eu não iria, pois, na minha cabeça, o feminismo abrangia todas as mulheres independentemente da sua cor de pele. Feminismo negro era mais um “mimimi” de pretos que gostam de se fazer de vítima, pensei, entretanto, depois de alguns encontros entendi que a necessidade de entender o assunto era urgente.

O feminismo em geral não serve para todas as classes e raças, pois não abrange todas as peculiaridades que cada comunidade vive. Uma mulher negra não é tratada da mesma forma que uma mulher branca. As brancas têm muito mais privilégios se comparadas às pretas. As mulheres negras são, na maioria das situações, vistas como objeto sexual pelas suas características fenotípicas.

Com isso acreditei que tinha resolvido meus dilemas, de que não era mais machista. Só que aprendi com os erros que não existe ser machista e sim ter comportamentos machistas. Certo dia uma amiga me deu um “tapa na cara”, figura de linguagem, ao me mostrar que eu estava sendo machista com ela ao tentar lhe explicar o que era o feminismo. Ou seja, eu estava praticando o *mansplaining*, que é quando um homem toma o lugar de fala de uma mulher e fala por ela. Foi então que percebi que ainda existem muitos comportamentos machistas em mim que é algo que está enraizado na minha forma de interpretar o mundo, está naturalizado, por isso não noto.

Depois disso, me perguntei: “Será que eu, como homem, tenho direito de falar sobre feminismo com as mulheres?” Passei a ter receio sobre isso e decidi não mais falar. Foi quando veio a discussão no grupo sobre o livro de mesmo nome da autora Djamila Ribeiro. Percebi que posso sim falar sobre feminismo com qualquer gênero segundo o meu ponto de vista; sobre minhas experiências vividas, mas nunca poderei falar como uma mulher que de fato vive na pele as mazelas causadas pela estrutura de mundo patriarcal e misógina.

Vocês já perceberam que às vezes confundimos sede e fome? Em algumas situações temos dificuldade de identificar se o ideal seria comer um pacote de bolacha ou beber um copo com água. O cérebro faz parte do corpo, mas não é por isso que ele sempre entende o recado emitido pelo corpo. O que quero dizer é que por mais que façamos parte de uma mesma sociedade, precisamos dedicar mais tempo do que normalmente fazemos para entender o que ela realmente precisa de nós.

O homem é muito complexo assim como a mulher. Podemos até ser parecidos, entretanto nossas necessidades são, em partes, muito distintas. Para eu diminuir o machismo que está impregnado em minha prática cotidiana precisarei ouvir mais o que as mulheres ao meu redor têm para falar. Escutar sem rebater com os “Mas é que...”, “Não é bem assim...”. Ter seus equívocos apontados dói, incomoda, principalmente quando é feito em público. Mesmo porque todos nós queremos ser amados e não desprezados. Mas ter sua atenção chamada para um comportamento ruim é necessário, pois evitar esse conflito significa ser conivente com uma estrutura desenvolvida para subjugar outras pessoas.